

VI Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental 2014

Mesa Redonda: “Expressões do masoquismo na clínica contemporânea: o adoecimento do sujeito”

Título do trabalho: “A dor na constituição do narcisismo”

Miriam Grajew

Psicanalista, psicóloga pela USP, formada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro do Verso Psicanálise.
Endereço: Rua Sebastião Velho, 185, cj. 02
Pinheiros - CEP 05418-040- São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (11) 3062-6320

Partindo de um breve fragmento de um caso clínico pretendo discutir alguns pontos a respeito da constituição do narcisismo e a sua relação com a dor e o masoquismo em situações de rejeição.

X, uma paciente de 42 anos, dizia-se indisposta para acordar e trabalhar. Reclamava de dores no corpo com visíveis sinais de cansaço, sem expressar qualquer traço de esperança vitalidade.

Ela me procurou logo após a dolorosa separação de seu ex-marido, dizendo que seu maior problema era abandonar as pessoas. Passou sessões reclamando que seu ex-marido era uma pessoa egoísta e que nunca considerava as vontades dela. Ao contrário dele, deu o melhor de si para satisfazer todos os desejos de seu companheiro, sem obter qualquer reconhecimento por isso. Foi ela quem, afinal, pediu o divórcio, porém, ainda sem muita elaboração, tentou reatar o relacionamento. Pergunto-me o que a teria levado a se manter por tanto tempo nesta relação que parecia ser tão aniquilante para ela.

Na juventude, X transgrediu alguns dos rígidos limites impostos por sua mãe, que decidiu, por fim, expulsá-la de casa, sem qualquer intervenção de seu pai. Lembra-se

das dificuldades dos anos seguintes quando abandonou os cuidados com a própria saúde e emagreceu muito, sem nem ao menos se dar conta desse processo. Viveu situações de risco e passados alguns anos descobriu que tinha contraído hepatite nessa época.

Sentia-se culpada e envergonhada por sua doença e também por ter perdido o contato com sua família, e, por esses motivos, tinha convicção de que qualquer homem se afastaria dela. Mesmo sabendo que havia construído uma excelente carreira, sentia-se uma fracassada e imaginava que a qualquer momento seria demitida. Em nossas sessões, muito me impressionava a maneira como X entrava no consultório se arrastando, com nítidas expressões de dor e sofrimento. Estava muito triste e desmotivada, chegando a verbalizar certos pensamentos suicidas. Logo após minhas férias voltou muito assustada, sem saber como não se matou ou matou alguém.

No adendo *c* à “Inibição, sintoma e angústia”, Freud (1926) relembra que quando sentimos uma *dor física*, como uma dor de dente por exemplo, fazemos um alto investimento narcísico no local dolorido às custas de um esvaziamento do Eu. Em seguida, ele nos apresenta a hipótese de que algo da ordem da dor ocorre quando uma criança sente alguma necessidade, mas o objeto não está lá para satisfazê-la, dor essa que é claramente observada em suas expressões. Nesta circunstância, a criança passa a fazer um forte investimento nas representações que tem do objeto, do mesmo modo como teria investido no dente dolorido. É, portanto, a partir destas observações que Freud (1926) postula: “a transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica para a catexia de objeto” (p.166).

Green (1988), em seu livro *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*, acompanha este raciocínio de Freud para então acrescentar que a dor psíquica é sentida no momento em que o Eu e o objeto ainda estão *em espelho*, ou seja, enquanto o objeto está totalmente adaptado às necessidades da criança e faz com ela uma unidade. A dor vem quando a criança encontra-se *despreparada* frente a uma decepcionante mudança do objeto, ficando então mergulhada em seu próprio excesso pulsional¹, vivenciando, portanto, algo que é da ordem do traumático.

¹Ferenczi (1913), em seu texto “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios” também aponta para uma vivência de dor neste momento do desenvolvimento quando afirma que “o ser ‘onipotente’ podia sentir-se uno com o universo que lhe obedecia e seguia os seus sinais, uma discordância dolorosa vai produzir-se pouco a pouco no seio de sua vivência” (p.53, grifo meu).

Green (1988) faz assim assinalações para a importância do objeto, que como uma mãe suficientemente boa, realizando o papel de espelho, tem como função tornar as demandas pulsionais toleráveis para o Eu, que adquire, em decorrência disso, uma organização relativamente estável. Esta relação irá favorecer a constituição de um narcisismo positivo, uma vez que permanece no bebê uma sensação de ser amado.

Por outro lado, a ação do objeto pode se tornar maléfica quando ele satisfaz as necessidades do bebê antecipadamente, sem amor ou fora das possibilidades de espera deste último. Pode ocorrer ainda situações em que o objeto dissemina as suas próprias angústias. Nestes contextos o que encontramos é um “objeto-trauma” que se apresenta agora como uma ameaça ao Eu, pois este se vê obrigado a mudar o seu funcionamento pelas simples existências do objeto. E como resultado de todas essas situações o que se produz é a dor psíquica.

Green (1988) nos ilustra essa dinâmica por meio de uma cena em que uma criança que, depois de recusar a todo custo esta situação traumática e dolorida, passa a se sentir injustiçada e tenta *sequestrar* o objeto para mantê-lo aprisionado, formando com ele a unidade que fora perdida. Apesar de seus esforços para buscá-lo, o objeto ainda quer se libertar e a criança, desesperada, acaba se machucando ainda mais! O que era só uma dor vai se constituir como uma ferida, como uma zona sensível e vulnerável que tem um potencial para provocar a dor novamente. A tentativa desesperada de sequestrar o objeto só faz aumentar esta ferida, formando assim um “*rasgo*” (Green, 1988, p.164, grifo meu), ali onde poderia estar a representação do objeto. Só resta à criança fazer um investimento justamente neste *buraco tecido na tela do eu* que é deixado pelo objeto-trauma, uma vez que, paradoxalmente, o buraco é o *único* valor de realidade que a criança pode ter.

Para defender-se deste objeto-trauma, Green (1988) considera que o Eu coloca em ação todos os recursos defensivos de que dispõe. Além da recusa da situação e da luta travada com o objeto na tentativa de sequestrá-lo, também há um combate contra as próprias demandas internas, que são sentidas como intoleráveis. A criança, portanto, se sente duplamente ameaçada e ora direciona sua pulsão de destruição para esse objeto externo traumático ora para sua própria pulsionalidade, sem que possa poupar sua estrutura do Eu em formação.

Com relação a essa dinâmica defensiva observada em pacientes que passaram por experiências de rejeição, Roussillon (2013) formulou algumas considerações. Segundo ele, na tentativa de controlar a situação, duas reações podem eclodir.

A primeira delas é similar ao que ocorre a Eco no mito de Narciso que, sentindo-se violentamente rejeitada por ele, ela retorna à floresta e para de comer. Em consequência disto, Eco passa por uma *grande transformação física* na qual ela perde sua carne, os seus ossos vão ficar parecidos com pedras e termina sendo descrita pelo autor do mito como um monte de fezes endurecidas². Roussillon (2013) considera que de um modo semelhante a Eco, uma criança que sofre de rejeição pode restringir as suas próprias pulsões, pois as sente como sendo más, mesmo que esse sentido tenha sido dado pelo objeto e a criança apenas o internalizou.

Na segunda reação é a própria criança que se torna má, semelhante à imagem dela refletida pelo objeto. Nesses casos, o paciente sente que não recebeu o que merecia quando criança, mas acha que o motivo para tal é porque ele mesmo é essencialmente mau. Em decorrência disto, não sente rancor contra os objetos do passado, mas um ódio contra si mesmo.

Também para Green (1988), a realidade interna não é poupada nestes casos, apesar da excessiva identificação projetiva que deixa o ódio do lado de fora, pois o objeto-trauma enlouquecedor e enlouquecido faz com que o Eu, em seu refluxo narcisista, não consiga mais sustentar a ilusão de sua megalomania, não encontrando um “refúgio protetor na auto-idealização” (p.157). O narcisismo torna-se, portanto, *negativo* em dois sentidos: negativo porque o bom torna-se mau e negativo também pela *anulação* do próprio Eu. Ou seja, além de uma representação má de si mesmo e de sua própria pulsionalidade, é possível encontrarmos intensas moções de pulsão de morte desintrincada, que tendem para o nada, para o retorno ao inanimado, para a anulação da própria vida.

Observamos em X um t^ênue limite entre a vida e a morte no descuido com suas próprias necessidades, quando ela restringe sua alimentação e emagrece muito, adoecendo gravemente, num movimento bastante destrutivo dela mesma, como se o Eu não pudesse exercer suficientemente bem suas funções de conservação da vida.

² Eco, por ter distraído Juno com suas falas intermináveis e assim favorecido os amores adúlteros do marido de Juno, Júpiter, ela é castigada a ter dentro dela um som que é dos outros e assim fica limitada a um uso restrito da linguagem, podendo somente repetir as últimas palavras do discurso alheio.

Ferenczi (1929) também relatou reações da ordem mortífera em pacientes que teriam sido “hóspedes não bem-vindos na família” (p.57), em seu texto “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”. Segundo ele, estes pacientes correm o risco de sofrerem um deslize para o nada, pois as “crianças que foram acolhidas com rudeza e sem carinho morrem facilmente e de bom grado” (p.58), e “não há motivos de espanto, uma vez que o bebê, ao contrário do adulto, ainda se encontra muito mais perto do não ser individual, do qual não foi afastado pela experiência da vida” (p.58). Estas crianças podem simplesmente deslizar novamente para esse não ser!³

Com relação ao papel do objeto, acrescenta Ferenczi (1929) que

“essas crianças registraram bem os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, e que sua vontade de viver viu-se desde então quebrada. Os menores acontecimentos, no decorrer da vida posterior, eram bastante para suscitar nelas a vontade de morrer, mesmo que fosse compensada por uma forte tensão da vontade” (p.57).

Green (2010) afirma em seu livro *O trabalho do negativo* que, em casos como estes, o outro “é sempre a instância de uma autoridade mortífera que não quer a vida” (p.112). E como consequência da enorme distância entre a realização alucinatória do desejo e a decepcionante experiência real de satisfação com o objeto, a principal queixa é a de que esse outro aparece como não desejante do desejo do sujeito. E como resultado disto, a vida pulsional se identifica com este objeto que jamais irá satisfazer os seus desejos e o sujeito acaba por abdicar deles, transferindo sua fonte pulsional ao objeto. É assim que, finalmente, a preocupação maior é com a satisfação deste último do que a própria satisfação. Com isto, toda a vida pulsional é sentida como uma intrusão e o seu destino fica restrito a uma eterna repetição da frustração, dominada por impulsos masoquistas.

É interessante lembrar uma observação de Green (2010) de que, frente a tamanho sofrimento, há ainda uma luta pela autonomia, cuja “meta é atingir um estado de separação e de individualidade necessário à autoestima fundada na independência” (p.111). Porém, essa luta está fadada ao fracasso uma vez que perder o objeto e fazer o seu luto são tarefas impossíveis, pois perdê-lo é perder a si mesmo. Ou seja, ao mesmo tempo em que se procura a independência, existe uma luta contrária a esta possibilidade de ver-se separado do objeto, que vai contra qualquer ameaça antiunitária e contra um

³ Em “Além do princípio de prazer”, no momento em que Freud (1920) introduz a pulsão de morte, ele expõe a hipótese de que a vida sobreveio no início por um curto período de tempo e foram influências externas que possibilitaram ao ser vivo desviar do curso original, cuja meta é a morte provocada por razões internas e que resulta no retorno ao inanimado. Desse modo, a sustentação da vida viria de fora.

estado não-integrado. *E é na eminência dessa loucura de não-integração que o Eu vai recorrer à dor como forma de existência* (Green, 1988). Investir no rasgo, na ferida narcísica, ali onde estaria a representação do objeto tecido na tela do Eu, é uma solução frente à ameaçadora loucura, pois é justamente essa zona sensível e dolorosa o único valor de realidade na qual a criança pode se apoiar.

A partir disso, Green (2010) tem uma hipótese de que, ao invés de buscar por um prazer partilhado com o objeto, ocorre simplesmente a repetição de um desprazer solitário de um masoquista. E apesar de o sujeito extinguir-se como um ser desejante, anulando suas demandas internas, ele preserva um lugar de sujeito no inconsciente, na medida em que é agente de um jogo que busca colocar o objeto na situação onipotente e autossuficiente. Dessa maneira, sem que tenha o amor do objeto, só restaria ao sujeito amar a si mesmo passivamente. Mas a esse amor, deve-se somar todo o ódio que não está mais dirigido ao objeto por tê-lo decepcionado, mas a si mesmo por perceber-se dependente dele e também, como vimos anteriormente, por ter se identificado com a imagem odiosa dele mesmo refletida pelo objeto.

Este masoquismo, que mantém a ferida narcísica investida de um excesso de excitação e dor, pode ser um recurso defensivo contra toda aquela destrutividade enlouquecedora e mortífera, garantindo assim alguma intrincação pulsional que salva o sujeito do movimento de dispersão e dissolução do Eu⁴, do deslize para o nada. Postula Green (1988) que diferentemente do narcisismo negativo, que visa este retorno regressivo ao ponto zero, o masoquismo *“é um estado doloroso que visa a dor e sua manutenção como única forma de existência, de vida, de sensibilidade possíveis”* (p.41).

X sentia-se uma pessoa sem qualquer valor então acreditava que um homem poderia amá-la. Abdicava de si, de suas necessidades e desejos, sendo somente sujeito ao cumprir com todas as vontades de seu ex-marido. Ao decidir pelo divórcio e buscar uma certa independência, ela recuou angustiada com a ideia de ver-se separada do outro onipotente e do qual era dependente. O fim do relacionamento parecia cutucar uma ferida dolorosa, um sinal de que o objeto não estava lá para satisfazê-la e amá-la. E sua ferida tenderia a se rasgar cada vez mais, na eterna repetição dessa vivência dolorosa

⁴ A formação do Eu depende da intrincação pulsional realizada pelo masoquismo, uma vez que *“o eu não pode se formar sem que a pulsão de morte esteja ligada, de outro modo todo esboço de eu primário seria destruído”* (Rosenberg, 2003, p.102, grifo original). E nesse processo é determinante o papel do objeto que prepara, condiciona e realiza a intrincação pulsional e dele depende a qualidade desse núcleo masoquista primário.

com o objeto traumático. Penso que seria justamente essa dor, que ela sentia tanto no corpo quanto psiquicamente, que a mantinha viva e conferia-lhe um sentido de realidade.

Gostaria de encerrar estas reflexões com um pensamento de Ferenczi (1929), que aponta para a importância de deixar o paciente viver a irresponsabilidade da infância, introduzindo assim impulsos de vida e razões para se continuar a viver. É somente pouco a pouco que a frustração inerente ao trabalho analítico é introduzida, o que permite ao paciente uma relação singular e em alguma medida satisfatória com a realidade, ou seja, uma possibilidade de “desfrutar a felicidade onde ela realmente for oferecida” (p.60). Por fim, penso que a companhia constante de um analista vivo poderia se oferecer como uma experiência diferente de uma rejeição, e pouco a pouco um pequeno vislumbre para uma alternativa à vivência masoquista na dor do abandono. Esta poderia ser uma chance de afastar um pouco mais o curso que desliza para o inanimado observado em casos de rejeição.

REFERÊNCIAS

FERENCZI, S. (1913). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In. *Psicanálise II*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____ (1929). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In. *Psicanálise IV*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In. *Obras completas*. V.14. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____ (1924). O problema econômico do masoquismo. In. *Escritos sobre psicologia do inconsciente*. V.3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____ (1926). Inibições, sintomas e ansiedades. In. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

GABBI, O. (2003). *Notas a um projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

GREEN, A. (1988) *Narcisismo de vida e narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta.

_____ (1988b) Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. *A pulsão de morte*. São Paulo: Editora Escuta.

_____ (2010) *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed.

ROSENBERG, B. (2003). *Masoquismo mortífero e masoquismo guardião da vida*. São Paulo: Escuta.

ROUSSILLON, R. (2013). “The function of the object in the binding and unbinding of the drives” In *The International Journal of Psychoanalysis*, n 94: 257-276.

WINNICOTT, D. W. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2008.